

Gente da Cidade

Manuel-da-Vaca-Gorda, o Andarilho

AUGUSTO VINAGRE

Está publicado em www.bubok.pt/livros, uma narrativa > romance, um tanto-ou-quanto «enigmática», sobre, talvez, a última personagem popular, qual enigma, com certeza o último andarilho do sul de Portugal, homem que palmilhou milhares de quilómetros sobre a ferrovia sulina portuguesa. Seu nome? Não o sabemos... Sabemos que do Algarve ao Pinhal Novo e Barreiro, esse andarilho, conhecido por «Manel-da-Vaca-Gorda», como gostava de ser chamado, por ser popular e sem paradeiro facilmente era provocado por jovens (e adultos) que lhe chamavam «Manel-das-Travessas». Então o pobre homem, fazendo prevalecer timbre algarvio em seu falar, o que denotava origem ou permanência prolongada entre gentes algarvias-serrenhas, exteriorizava desagradáveis desabafo onde incluía o «Débo» e as mães dos ditos. Mas o que interessa, nesta vida e no livro a que nos referimos, é que ambas as tramas se enredam e retiram da alma do narrador a dedicatória do mago-escritor Paulo Coelho: «Acredite em seus sonhos, ouse ser diferente. Você é único, e somente quem ousa, ganha.»

O livro a que nos referimos e que enlaça uma interessante narrativa onde se cruzam e enleiam/confundem as viagens iniciáticas de um jovem noctívago, «Manel» e até do seu autor, Nuno Firmino, intitula-se «Cristal da Ilusão», escreve na apresentação Adriana Nogueira, ele «é uma metáfora poderosa sobre a simplicidade, a pureza do olhar, a força do acreditar», tal como o «ti» «Manel-da-Vaca-Gorda» se deixava ver em Tunes, Messines, Funcheira, Ermidas ou Pinhal Novo, terras de gente laboriosa do povo. Nessas terras o septuagenário, Sr. Manuel, apresentava-se, segundo a nossa lembrança, de fato castanho claro, camisa branca, sapatos velhinhos de andarilho, sem meias, barba branca marcada pelo fumo de seu «sui generis» cachimbo, cabelo grisalho, chapéu e sorriso aberto e claro a lembrar o «zé povinho», havendo em suas mãos um verdadeiro bordão português e um violão. Mas que figura marcante! Mas que homem tão português,



saído dos tempos de outra, inimaginável para os tempos corroidos de hoje, o qual se fazia compor de pequeno «alforge» e antiga e escondida bolsa de moedinhas. Figura marcante «para todo o sempre», desde que o viu nos primeiros anos da sua vida, diz o autor de «O Cristal da Ilusão». E marcou! Pois, Nuno Firmino, além de familiares próximos inclui no rol de pessoas que o marcaram «um vagabundo; um andarilho!», o «ti Manel-da-Vaca-Gorda», que classifica de «o último e verdadeiro viandante do Sul europeu», nascido em 1906 e morto por veículo automóvel em 1982. É assim, a vida... O homem que percorreu milhares de quilómetros sobre as travessas da linha ferroviária do sul, tornando-se na única figura social comum a todas as terras sulinas que visitava, onde ainda é lembrado, enfrentando a máquina-«cavalo de ferro», atravessando túneis, acenando aos passageiros, pernoitando nas serranias, acabou-se na estrada viária...

Não sabemos onde nasceu Manuel (Messines?) e pouco sabemos da sua vida, à excepção destas pequenas reminiscências de memória que aqui deixamos. Tão pouco sabemos se este algarvio, vamos naturaliza-lo assim até pela sua tez agarena, esteve na cidade de Al-

bufeira, - o jovem personagem do romance «O Cristal da Ilusão», esse passou por aqui, ou por algo semelhante à Albufeira dos nossos dias-, sabemos, sim, que ele elegeu as terras do sul, do Algarve ao Barreiro, como berço, por onde viajava, livre, sem correntes, voando a pés, «abraçando tudo», partilhando conversas e tempo com jovens mancebos, que o achavam curioso, adultos que diziam conhecê-lo, vadios, dementes, aceitando ou partilhando comida, como se fosse um monge noviço.

E, por estas terras lá andou o «Manel», «Manel da Vaca-Gorda», nascido em 1908, que detestava ser chamado «Manel-das-Travessas», porque tal o associava, diziam, à apropriação dessa madeira. (Coisa que acontece de forma normal ao longo da ferrovia para construção de pequenas vedações em hortas operárias). Ele sentia-se ofendido com essa mentira... E, quando tal acontecia era fugir de perto, porque logo se defendia manejando de forma bastante hábil o seu bordão, qual lutador inato do jogo-do-pau, fazendo o mesmo rolar de forma estonteante entre si e o tecto de qualquer café, como uma pá de helicóptero que tolheria o mais inadvertido. O que nunca aconteceu. «Manel» era um bom homem. O seu coração

libertino algarvio, tinha pureza e bondade... Era um homem que transportava consigo coisas únicas. A sua personalidade e presença já o singularizavam. À maneira antiga, e como bom viandante, tinha o seu bordão, cujo manejo dominava bem em auto-defesa; à tiracolo tinha um saco-alforge com alguns víveres; apresentava um violão, peça indispensável a andarilho que se preze, o qual por vezes tocava ao sabor de um copito de vinho ou café; como homem «antigo» usava uma bolsinha-saco cheia de moedas, como no tempo dos «réis», que um ou outro jovem mais atrevido fazia por vezes tilintar e, claro, o «ti Manel» lá levantava o seu bordão; o mais original de todos os seus pertences, era o seu cachimbo artesanal, peça única no mundo, por ele feita, em madeira própria, pequeno e tampado por peça cônica. Todos estes pertences completavam a sua visão, estando o cachimbo indubitavelmente ligado ao seu rosto-marca, onde se colava. Em tempos existiu no bar da estação de Pinhal Novo um esboçado desenho-foto deste antigo algarvio, com seu chapéu e cachimbo, desenho que facilmente os passantes identificavam dizendo: «Olha. O ti Manel...!».

O Sr. Manuel era um ho-

mem puro, não por ser andarilho ou vagabundo, essas condições não conferem grau de pureza ou bondade, mas sim porque não era vulgar. Oferecia presença e convívio, repartia conversa e música e... quando o ambiente se tornava propício ao gozo de si, com alguma gargalhada e excitação ele, simplesmente se afastava. Só, tendia a defender a sua moral do grupo social de forma um pouco curiosa ou estranha, para quem o ouvia e apreciava, pois, repetia constantemente que era «talassa» (no sentido de não gostar de homens e mulheres) e gritava «Viva Salazar». Sabe-se lá porquê?! Atenção: o homem nasceu em 1908, atravessou o período instável e conturbado da República (1910-26); aos vinte anos assiste à ascensão autoritária de Salazar; a sua vida percorre oito décadas do séc. XX e é obrigado a conviver com coisas estranhas, até contra-natura, «modernas», dizem. Então, este andarilho a quem toda a gente chamava «tio» («ti Manel»), -expressão ainda utilizada no nosso grande Brasil no sentido de respeito, protecção e pai; por nós, aqui, por vezes utilizada em sentido pobre -, tendia a defender-se dos elementos sociais que o atingiam com essas suas palavras de ordem: «talassa»; «Salazar». O que nos meios ferroviários politizados gerava espanto. Talvez o eremita da solidão, «Manel-da-Vaca-Gorda», entendesse superiormente que explicar ao «povinho» o que quer que fosse, não tinha sentido. Até assaltado ele foi, tiraram-lhe a bolsa de moe-

das e o bilhete de identidade, criando alguma desorientação neste andarilho português, pois velhote já não sabia o seu ano de nascimento, agora recuperado pelo Nuno.

Em Tunes, Messines, Ermidas, Pinhal Novo ouvi falar do «ti Manel da Vaca Gorda», e tive ocasião de o conhecer/ver. Essa personagem, com o seu quê de enigma, na qual Nuno Firmino se inspirou, - parece-nos que seu avô lhe dava dormida em Ermidas-Sado-, cruzando no seu romance «O Cristal da Ilusão» o narrador, a personagem principal e o andarilho sulino Manuel, procurando descrever vivências e evoluções interiores, trouxe-nos à abordagem desse algarvio, sendo que todo o contexto que temos descrito é um enigma: quem foi «Manuel da Vaca Gorda?»; quem é o personagem do romance? (Nuno?, Manuel?); que enigmática pintura incorpora a capa da narração, a partir da observação da qual «surge a vontade de escrever o livro? (será Manuel, jovem alquimista? - ele que manuseava o bordão, o violão e o cachimbo (fogo) como mestre).

O livro de Nuno Firmino abre com uma citação de Mestre Zen Fenyang: «Devêis saber por vós próprios o que é sagrado e o que é vulgar, o que é errado e o que é certo - não vos preocupeis com os julgamentos dos outros.» Assim, foi a vida do Sr. Manuel-da-Vaca-Gorda (1908-1982), a quem prestamos esta justa homenagem, num país obscuramente branqueado de memória.



JUNTA DE FREGUESIA DE PADERNE

Vamos viver mais uma época festiva de Natal e Ano Novo. A Junta de Freguesia de Paderne vem, junto dos seus fregueses, formular os mais sinceros desejos de Boas Festas e que o ano de 2012 lhes possa trazer tudo o que mais desejarem no seio das suas famílias.

*Francisco M. Fernandes Guerreiro
(Presidente da Junta)*